

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A APOLOGIA DA SUPERAÇÃO DO TRABALHO PELA CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Albani de Barros¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo revisar as teorias sobre a superação do trabalho pelos avanços tecnológicos informacionais. A análise que realizamos busca compreender quais os fundamentos da ciência e da tecnologia na sociedade capitalista, tendo por pressuposto a teoria marxiana. Do ponto de vista dos determinantes históricos que norteiam esse estudo, também fazemos buscamos sistematizar os impactos que ocorreram nas relações de produção a partir da crise estrutural do capital e da reestruturação produtiva. Por último, tratamos da dependência ontológica do capital em relação ao trabalho, o que torna uma impossibilidade a superar o trabalho humano, enquanto elemento rigorosamente necessário para que o processo de valorização de capital possa ser reproduzido.

Palavras-chave: Ciência e tecnologia. Crise estrutural do capital. Trabalho.

ABSTRACT

This article aims to review the theories about overcoming work by informational technological advances. The analysis we perform seeks to understand wanted the foundations of science and technology in capitalist society, try by assumption the Marxian theory. From the point of view of the historical determinants that guide this study, we also seek to systematize the impacts that occurred in the relations of production from the structural crisis of capital and productive restructuring. Finally, we deal with the ontological dependence of capital in relation to labor, which makes it impossible to overcome human labor, as a strictly necessary element for the process of capital valuation to be reproduced.

Keywords: Science and technology. Structural crisis of capital. Labor.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade que continua a ser uma imensa coleção de mercadorias (MARX, 1988), todo desenvolvimento das forças produtivas e as possibilidades colocadas sobre a humanidade persistem a ter como pressuposto a incessante e desmedida busca pelo lucro. Esta lógica capitalista não foi alterada por nenhuma regra da

¹ Professor colaborador do PPGSS da UFAL e professor titular do Centro Universitário Cesmac. Dr. em Serviço Social pela UFPE. E-mail: albanibrr@hotmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



reestruturação produtiva, nem pelas novas tecnologias da informática e muito menos pelo conservadorismo de mercado, denominado por neoliberalismo. Apenas as formas e os mecanismos do capital conseguir realizar seus objetivos é que se adequaram as suas atuais necessidades. Conforme esclarece Tonet: “É difícil deixar de perceber, até empiricamente, que a relação capital-trabalho constitui a medula do mundo de hoje. Que as formas desta relação não sejam mais como no século dezenove em nada altera o essencial da questão” (TONET, 2004, p. 191).

Não há dúvidas que o capitalismo hoje não é o mesmo do século XIX quanto aos seus fenômenos particulares, entretanto, esta não é a questão fundamental. O que é necessário avaliar é se o trabalho vivo perdeu a prerrogativa de ser fonte impossível de ser eliminado na produção da riqueza. Quanto a esta questão nodal, rigorosamente nada se alterou (TAVARES, 2004; TEIXEIRA, 2008). Com referência às transformações internas do sistema, o próprio Marx em O Capital, descreve diferentes formas de apresentação da produção capitalista, sem que nestas modificações ocorra uma ruptura da relação de exploração entre o capital e o trabalho. Desde a produção artesanal dominada pela burguesia até as transformações que culminaram com a Revolução Industrial, as relações de produção capitalistas sofreram enormes modificações e continuaram a ser trabalho morto que suga força viva (MARX, 1988).

Se as mudanças ocorridas recentemente nas relações de produção com a reestruturação produtiva e o surgimento da informática são consideradas de grande impacto, estas mesmas são anódinas, se comparadas com as profundas alterações que ocorreram com o advento da maquinaria nos séculos XVIII e XIX. A produção capitalista mudou, mas nem por isso deixou de ser uma relação de exploração entre a classe burguesa e os reais produtores.

De um lado, a burguesia como personificação do capital e proprietária dos meios de produção, do outro, o proletariado urbano e rural continua a produzir e fornecer o conteúdo material da riqueza social. É para garantir a continuidade da reprodução do capital, que a trajetória de seu domínio demonstra que são alteradas

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



as formas aparentes de dominação e controle, porém, tais mudanças ocorrem para poder permanecer com sua essência intocada. Muda para continuar a ser o que sempre foi. É Marx quem considera que: “o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de Albari de Barros produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista” (1988, p. 259). Esta continua a ser a lógica do presente; nenhum avanço tecnológico, nenhuma modificação no modelo de produção e nenhum arranjo político alterou tal situação.

2 AS DETERMINAÇÕES DA CIÊNCIA NA CRISE DO CAPITAL

A ciência hoje produzida e as tecnologias existentes são um reflexo das necessidades das classes hegemônicas em conseguir a reprodução do sistema. A permanência do processo de acumulação expansiva do capital em tempos de crise estrutural é o desafio perseguido pela burguesia nos dias de hoje. Assim sendo, o desenvolvimento tecnológico e a ciência estão voltados para atender aos objetivos deste esforço. Como decorrência dessas exigências e determinações instauradas pela crise estrutural do capital, a ciência afastou-se do que ainda existia de “objetivos positivos e assumiu o papel de auxiliar a multiplicação das forças e modalidades de destruição” (MÉSZÁROS, 2004, p. 299).

É procurando formas, mecanismos e estratégias de produção adequadas às atuais necessidades de acumulação de adiar o antropofagismo de si mesmo que o capital estimula a ciência a desenvolver tecnologias adequadas a essa premissa. Esse desenvolvimento deve pautar-se em tecnologias que aumentem a extração de sobretrabalho, que desqualifiquem os agentes produtores e que acelerem o circuito reprodutivo do capital.

Como o capital possui uma incapacidade de tratar as causas como tais, divorciando o efeito da causa, todos os problemas do sistema são tratados apenas na qualidade de distúrbios temporários. Tais contradições nunca são enfrentadas do pondo de vista de suas origens fundamentais, não importando as graves implicações

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

que em longo prazo possam desencadear esse não enfrentamento (MÉSZÁROS, 2002; PANIAGO, 2007). Como é incapaz de eliminar sua lógica, pois significaria findar-se, sobra como nefária alternativa destruir tudo aquilo de vivo que existe, o homem e suas bases materiais de existência.

A orientação e os resultados de grande parte dos cientistas que hoje estão empenhados no aperfeiçoamento científico e tecnológico não são oriundos de um desenvolvimento intrínseco da ciência (MÉSZÁROS, 2004). Com efeito, trata-se do resultado das necessidades e determinações provenientes de exigências do processo de reprodução capitalista. É assim que qualquer interpretação que se imagine do desenvolvimento tecnológico nos últimos séculos deve levar em consideração os pressupostos do capital. Conforme Mézáros: “a articulação histórica da ciência e da tecnologia, o modo como elas moldam nossas vidas hoje em dia, é totalmente ininteligível sem o reconhecimento de sua profunda inserção nas determinações socioeconômicas do capital” (MÉSZÁROS, 2004, p. 269). É dessa forma que a ciência se encontra “não apenas de fato, mas por necessidade – em virtude de sua constituição objetiva sob as relações sociais dada -, ignorante e despreocupada quanto as consequências sociais de sua profunda intervenção prática no processo de reprodução social” (MÉSZÁROS, 2004, p. 270, grifo na obra).

É exatamente em razão da subordinação da ciência às determinações da ordem hegemônica, que não se pode delegar à ciência transformações que tragam uma ruptura nas relações sociais vigentes, ou até mesmo obstáculos para reprodução dessas. De acordo com Marx, supor a solução das contradições oriundas da reprodução do capital é uma completa impossibilidade no interior dessa forma de sociabilidade. Nosso autor alemão é firme nas palavras, intransigente em negar qualquer alternativa de mudança sem que esta ordem social seja superada radicalmente.

As soluções tecnológicas ou qualquer alternativa limitada às fronteiras do capital são todas rigorosamente ineficazes: [...] nenhum melhoramento da maquinaria, nenhuma aplicação da ciência à produção, nenhuns inventos de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



comunicação, nenhuma nova colônia, nenhuma emigração, nenhuma abertura de mercados, nenhum comércio livre, nem todas estas coisas juntas, farão desaparecer as misérias das massas trabalhadoras; mas que, na presente base falsa, qualquer novo desenvolvimento das forças produtivas do trabalho terá de tender a aprofundar os contrastes sociais e a agudizar os antagonismos sociais. (MARX, 1983, p. 9). A crise estrutural do capital demonstra que as considerações de Marx feitas ainda no século XIX estão bem mais próximas do real, do que aquelas elaboradas pelos apologistas do capital nas décadas de 1980 e 1990, quando houve uma “onda” de teoria que propunham o fim do trabalho, como a seguir veremos, principalmente com Schaff (2007) e Masuda (1980).

Não há como pensar em solução dos problemas da humanidade por intermédio do desenvolvimento tecnológico, da vontade política, ou pela esperança de que as contradições geradas pela reprodução do capital sejam resolvidas pelo entendimento pacífico entre as classes. Tal impossibilidade decorre do fato de que os interesses que movem cada uma das classes fundamentais são antagônicos, estruturados em bases econômicas inconciliáveis (PANIAGO, 2007). A lógica do capital impõe que as necessidades a serem atendidas sejam reduzidas primordialmente à garantia da extração da mais-valia e da consumação do lucro para o capitalista (LESSA; TONET, 2008).

Qualquer outra possibilidade que obstrua esse objetivo é eliminada, se preciso for, com uso da força e da violência. A história é uma testemunha tão franca disso, que os exemplos são desnecessários. Não há como justificar, no atual estágio alcançado pela ciência e com o desenvolvimento das forças produtivas, a convivência da produção destrutiva com a fome. Encontra-se entre o perverso e o grotesco esquecer as astronômicas cifras despendidas em armamentos e aceitar como normal que seres humanos sequer possam ter condições de se alimentar. Como resignar-se diante da constatação que a ciência e as tecnologias desenvolvam e aprimorem os mecanismos que destroem, envenenam e matam, enquanto esquecem aqueles que promovem a satisfação das necessidades básicas do homem e que salvam vidas?

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Conforme Lessa:

Os exemplos são infinitos: da moda à guerra fazemos o que for lucrativo, não o que é humanamente necessário. Pense-se na barbaridade que é a construção de um arsenal nuclear suficiente para destruir o mundo 99 vezes. E isto foi feito porque, para nós, guardiões das mercadorias, é mais 'sensato' construir as bombas que sensatamente atender às necessidades humanas. Que coisa seria mais 'razoável' que preparar nossa própria autodestruição do planeta Terra – se isto for lucrativo? (2006, p. 6).

Esta contradição demonstra que o esforço científico se encontra bem distante do compromisso da construção de um mundo melhor. Paradoxalmente com as teorias que utilizam o desenvolvimento da informática como uma possibilidade de uma sociedade mais humana, em praticamente todos os países, o motor principal das indústrias do setor da informação é o complexo militar (KUMAR, 2006). A estimativa é que a pesquisa e o desenvolvimento em projetos bélicos utilizem “40% dos gastos mundiais totais em pesquisa e absorvam as atividades de 40% de todos os cientistas e engenheiros de pesquisa do mundo [...]. Nos Estados Unidos, mais da metade da P&D (pesquisa e desenvolvimento) financiada pelo governo destina-se a fins militares” (KUMAR, 2006, p. 67-68). De acordo com Mészáros, “mais de 70% de toda a pesquisa científica dos Estados Unidos é controlada pelo complexo militar-industrial” (2004, p. 285).

Sob a regência dos ditames destrutivos do capital, a ciência não está para a vida, está muito mais para aperfeiçoar os engenhos da morte. Há de se mencionar que a imbricação existente entre a fábrica da guerra e a lógica do capital não é recente, mais do que isso, foi determinante, inclusive, para a consolidação das bases da atual sociedade. Bernal é quem esclarece que de [...] todas as invenções introduzidas no Ocidente durante a Idade Média, a mais destrutiva – a da pólvora – seria a que viria ter maiores consequências políticas, econômicas e científicas. [...] permitiu assim aos europeus impor os seus padrões de cultura aos outros povos que, originariamente, lhes não eram de forma alguma inferior, quer cultural, quer militarmente. A consequência mais imediata foi concentrar nas suas mãos todas as

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

riquezas do globo, garantindo-lhes a acumulação de capital necessária para financiar a Revolução Industrial. (BERNAL, 1969, p. 347-348).

Não há como humanamente explicar o gigantesco volume de dinheiro destinado para uma produção voltada à aniquilação dos seres vivos, ao mesmo tempo em que crianças morrem por não ter o que comer ou por não conseguir acesso aos tratamentos já disponíveis. Tão grave quanto tentar explicar tais aspectos, é observar essas determinações destrutivas sem nenhum sentimento de total repugnância. Analisando o reflexo dessa determinação no cotidiano dos indivíduos, a acelerada tragédia da violência, que se alastra como “chuva que cai do céu”, é uma expressão que se mostra tão incontrollável quanto o próprio capital. É exatamente por conta disso que as soluções morais parecem ocas e sem nenhum resultado quanto a qualquer regressão dos níveis de violência. Além do grandioso incentivo à fábrica da guerra, outra expressão dessa situação é o agravamento da questão ambiental, mesmo já existindo disponibilidade técnica para iniciar uma reversão.

Com base nos dados da UNICEF, Teixeira expõe que “[...] morrem todos os anos de fome e por causa de doenças curáveis, nos Países do Terceiro Mundo, 16 milhões de crianças. Em cinco anos, este índice de mortalidade equivale ao total de baixas ocorrido em toda a Segunda Guerra Mundial. Em cada cinco anos desenrola-se uma guerra mundial contra os meninos do Terceiro Mundo” (2008, p. 37)

É parte fundamental da tese de Mészáros (2002) sobre a crise estrutural, que o atual processo de acumulação capitalista não consegue mais se desenvolver sem recorrer a uma decrescente taxa de utilização do valor de uso das mercadorias. Trata-se de um mecanismo do qual o capital não tem mais como se desvencilhar. “Quanto mais o sistema destrava os poderes da produtividade, mais libera os poderes de destruição; quanto mais dilata o volume da produção tanto mais tem de sepultar tudo sob montanhas de lixo asfíxiante” (MÉSZÁROS, 2009, P. 73). Como a reprodução capitalista desconsidera o valor de uso enquanto expressão das necessidades humanas, subordinando radicalmente esses valores aos imperativos dos valores de troca, também põe a humanidade como submissa aos interesses do lucro.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A crise estrutural pode levar o capital a sua própria aniquilação, como resultado de seu metabolismo irracional e incorrigivelmente destrutivo; o problema é que, junto com ele, toda a humanidade pode igualmente sucumbir. É também por essa razão que a única coisa plenamente possível que podemos esperar da lógica capitalista e de todo o desenvolvimento científico e tecnológico no limiar desse novo milênio, é mais desumanidade.

Estando a ciência acorrentada aos grilhões do capital, as soluções decorrentes do desenvolvimento tecnológico possuem um caráter predominantemente de inutilidade quanto às urgentes necessidades dos seres humanos. A trajetória destrutiva do capital sobre o homem coloca o titânico processo de subsunção da vida diante da imperiosa e encarniçada busca pelo lucro. Por conta disso, “tudo o que a perspectiva do capital pode oferecer, neste momento, consiste apenas no aperfeiçoamento das cadeias de ouro que escravizam a humanidade” (TONET, 2004, p 19). O abandono do caminho revolucionário neste estágio destrutivo do capital, consubstanciado por sua crise estrutural, além de pôr em risco a sobrevivência da própria espécie, adia perigosamente a possibilidade de construção de um mundo radicalmente diferente, onde a sociedade seja uma coleção de seres humanos emancipados, e não de coisas vendáveis.

3 A ILUSÃO DA SOCIEDADE SEM TRABALHO

Sem a participação ativa do homem no processo de trabalho, nenhum conteúdo material é produzido e tudo o mais se torna uma rigorosa impossibilidade. Ainda que a reprodução social não se resuma ao trabalho, sem este, não há possibilidade alguma de existência da reprodução social. Mesmo o trabalho sendo algo tão imprescindível, para as teorias que o negam a partir do desenvolvimento tecnológico, o trabalhador como real produtor é intencionalmente escondido e fantasiosamente substituído pela máquina.

A questão é que o capital não pode se livrar do trabalho, pois este é a fonte de sua riqueza, entretanto, tal dependência também não pode ficar explícita, por isso

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



seus apologistas teimam em não reconhecer quem é o legítimo produtor (MÉSZÁROS, 2002). É por essa razão que na relação existente entre capital e trabalho, a verdade é inimiga da apologética burguesa, e a mentira, sua fiel protetora. A força viva do trabalho é necessária a toda e qualquer sociedade, e também origem da riqueza apropriada pela burguesia (MARX, 1988). É com a finalidade de velar essa realidade que se colocam as teorias que sugerem o desaparecimento do trabalho. Um de seus propósitos é encobrir esta relação de exploração em que o trabalhador é o verdadeiro produtor e o burguês quem o usurpa, de ocultar que é o proletariado urbano e rural, quem produz o conteúdo material da riqueza, indispensável à reprodução social. É, portanto, de negar a existência de uma classe essencialmente produtora e explorada.

Cabe alertar que existência de uma dependência que o capital possui em relação ao trabalho não significa que exista a possibilidade de interesses em comum. Parte importante da debilidade teórica da legião de ufanistas, defensores dos mecanismos de ajustes internos no sistema do capital, deve-se exatamente em acreditar nesta existência. Não existem interesses em comum, a não ser no sentido de que o capital e o trabalho “são dois aspectos de uma mesma relação. Um condiciona o outro como o usuário e o perdulário se condicionam reciprocamente” (MARX, 2008, p. 51). No percurso do capital para esconder o real, negar a teoria do valor do trabalho e, desta forma, tentar desmontar toda a concepção marxiana, não é algo recente (MÉSZÁROS, 2002). Nem mesmo é novidade a utilização do argumento da superação do trabalho pelo desenvolvimento de novas máquinas. No período posterior à Segunda Grande Guerra, numa situação histórica marcada pelo apogeu do fordismo em combinação com o *Welfare State*, foi quando surgiu as primeiras teorias de repercussão que aludiam à superação do trabalho pelo avanço da tecnologia (LESSA, 2007).

Essa é a teoria que Serge Mallet (1963) defendia. A presunção desse autor francês era articulada a partir das alterações em alguns ramos da produção no período do segundo pós-guerra, utilizando como prova empírica um restrito grupo de

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

indústrias parcialmente automatizadas por máquinas mecânicas e eletrônicas. Seu entendimento era de que o futuro seria de “fábricas sem operários da automação, telecomandadas à distância e supervisionadas por telas de televisão dos escritórios técnicos da direção parisiense” (MALLET, 1963, p. 139-140). Nessa sociedade por ele imaginada, inexistiria o proletariado da forma como Marx descreveu, o trabalho manual na sua forma característica estaria “incorporando operações estritamente intelectuais” (MALLET, 1963, p. 9). Isto ocorreria graças ao desenvolvimento tecnológico propiciado pelas fábricas automatizadas da época; os operários dessas novas indústrias seriam em número tão reduzidos, bem qualificados e remunerados, que seus interesses seriam plenamente compatíveis com os da burguesia. Nos argumentos de Mallet, o fim do proletariado em posição antagônica ao capital significaria o fencimento da luta de classes e, em última instância, o término da exploração do homem sobre o homem.

Em rejeição a esta perspectiva, o processo histórico que seguiu nos anos vindouros tratou de negar com severidade as teses de Mallet. Sobre os escombros do *Welfare State*, as relações de produção, estabelecidas durante a reestruturação produtiva, demonstram a intensificação do trabalho manual e a elevação das formas precarizadas de exploração, o que torna a tão sonhada união de interesses entre capital e trabalho algo mais longínquo do que nunca.

Entretanto, a lição histórica imposta a Mallet não foi suficiente para impedir que pouco menos de duas décadas depois, surgissem novas teorias que garantiam o fim do trabalho e a resolução dos problemas a partir do desenvolvimento tecnológico (LESSA, 2007). Desta vez, o discurso do fim do trabalho ganhou as vozes de novos apologistas e a prova empírica agora passou a ser o desenvolvimento da microeletrônica e informática, ocorrido no contexto da reestruturação produtiva. Dentre os diversos autores que se encarregam de proclamar o surgimento de uma nova sociedade, Schaff (2007) e Masuda (1980) afirmam que estaríamos caminhando para uma era de prosperidade e liberdade.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Comparando as teorias que sugerem o fim do trabalho no período do pós-guerra com aquelas concebidas a partir do contexto da reestruturação produtiva, Lessa (2007) considera que muda o discurso, mas o “cadáver” é o mesmo. tipo de sociedade. Seria o fim do conflito de classes e até mesmo a superação total do trabalho manual. O ingresso da microeletrônica nos mais diversos aparatos tecnológicos utilizados na produção é utilizado como argumentos para assegurar o fim do antagonismo entre trabalho e capital. As transformações ocasionadas por essas novas tecnologias estariam modificando tão profundamente as relações de produção, que a teoria de Marx se tornara anacrônica para explicar a nova sociedade que estaria surgindo. Seria uma sociedade pós-industrial. Diante das novas relações sociais, a teoria do valor criado pelo trabalho vivo estaria com seus dias contados, isto porque seriam agora as modernas máquinas, desenvolvidas a partir da informática, as reais produtoras. Seria o fim da necessidade de o homem converter a matéria para adquirir os meios de subsistência e produção. A informática teria superado o que Marx formulou sobre o trabalho e a criação do valor

4 CONCLUSÃO

A expectativa de superação das desigualdades sociais pela expansão quantitativa da produção ou pelo desenvolvimento científico e tecnológico não trouxe até o presente os benefícios imaginados. Obviamente que não se trata de condenarmos a ciência em si, o avanço tecnológico ou as próprias máquinas como as culpadas pela não superação das desigualdades (MARX, 1996). Colocar a tecnologia e a ciência como as vilãs do desemprego e da miséria, ou inversamente, considerá-las como as salvadoras, é desconsiderar o movimento real da luta de classes. É ignorar os interesses da classe que é a detentora dos meios de produção, cuja ideologia também é a predominante na sociedade (MARX; ENGELS, 2007).

Nesse instante de crise sistêmica, a ciência e a tecnologia nem sequer conseguem contribuir decisivamente para resolver os problemas decisivos do próprio capital. Se as contradições no metabolismo de acumulação atingiram um estágio que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



impede que o desenvolvimento das forças produtivas resolva firmemente suas próprias dificuldades, que dirá solucionar minimamente as mazelas de toda a sociedade (MÉSZÁROS, 2002). Como existe uma disjunção entre a produção genuína e a autorreprodução do capital como uma demanda artificialmente imposta, a ciência e o desenvolvimento tecnológico encontram-se firmemente imbuídos em oferecer soluções técnicas e operacionais para a manutenção e expansão dessa crescente autorreprodução. Contudo, tal dinâmica ocorre em condições cada vez mais adversas criadas pela própria reprodução capitalista.

É por conta disso que no presente contexto “a ciência e a tecnologia só poderão ser utilizadas a serviço do desenvolvimento produtivo se contribuírem diretamente para a expansão do capital e concomitantemente também ajudarem a empurrar para mais longe os antagonismos internos do sistema” (MÉSZÁROS, 2002, p. 254-255). Atualmente, mesmo as soluções tecnológicas, estão condicionadas a serem utilizadas apenas parcialmente em favor do capital, já que não são possíveis transformações consubstanciais. É por esse preceito que a partir da crise estrutural, qualquer solução na técnica também deve auxiliar na tarefa de adiar os enfrentamentos nodais do sistema.

REFERÊNCIAS

BERNAL, J. D. **Ciência na história**. Volume 2. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

LESSA, Sérgio. Trabalho, sociabilidade e individuação. **Revista da Fiocruz, Trabalho, Educação e Sociedade**, vol 4, n. 2, setembro de 2006.

_____. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

KUMAR, Krisham. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna – novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MALLET, Serge. **La nouvelle classe ouvrière**. Paris: Éditions du Seuil, 1963.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Livro primeiro, tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

_____. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Livro primeiro, tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2008

_____. Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: Marx e Engels. **Obras Escolhidas em Três Tomos**, vol. 2. Lisboa: Edições Avante, 1983.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MASUDA, Yoneji. **A sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

PANIAGO, Cristina. **Mészáros e a incontrollabilidade do capital**. Maceió: Edufal, 2007.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade informática**: São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.

TEIXEIRA, Francisco. **Marx no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2008.

TONET, Ivo. **Democracia ou liberdade?** Maceió: Edufal, 2004.

PROMOÇÃO



APOIO

